

Editorial

Pesquisa não publicada não é Ciência

Os desafios que enfrentamos como pesquisadores vão muito além da elaboração e condução de um trabalho de investigação qualificado e inovador. Como bem me colocou, anos atrás, um eminente pesquisador americano – Charles Brainerd (*Cornell University*, EUA) – “pesquisa não publicada não é Ciência”. Ainda que aparentemente um tanto radical, esta frase (ou será um lema?) pode levar a interpretações equivocadas que remetem a uma discussão muito presente nos meios acadêmicos dos dias de hoje, que é a questão do produtivismo, ou seja, quase uma “corrida pelo ouro da publicação”, custe o que custar. Alguns ousam recitar a máxima do *publish or perish* (publicar ou morrer). Ainda que esta linha de discussão seja muito importante, e de forma alguma deve ser menosprezada para que não se perca o norte do real papel da academia e da pesquisa, gostaria de levar esta discussão sobre a publicação científica para outras direções.

Pesquisa não publicada não é ciência, pois, a meu ver, a pesquisa por princípio deve ser compartilhada. Afinal, aquele interessante trabalho que realizamos com nossos alunos e/ou colegas que está armazenado em algum arquivo escondido de nosso computador está a serviço de que? Sim, claro, o processo de construção desse trabalho certamente levou a valiosas aprendizagens aos atores desse processo. E os outros que estão fora desse restrito grupo de atores? E como aquilatar o valor dessas aprendizagens acerca do campo de conhecimento no qual estão inseridos, se não através do crivo e análise dos pares?

É certo que a história nos apresenta vários ilustres exemplos de trabalhos que talvez tenham permanecido o tempo necessário “na gaveta” para só então poderem ser compreendidos e verdadeiramente apreciados, pelo seu valor científico e, até mesmo, revolucionário. Todavia, vive-se hoje em um cenário em que a velocidade de divulgação das informações é brutal, o que torna ainda mais imperativo a pronta “desova” para a comunidade científica das idéias e resultados que emergem das pesquisas.

Contudo, e a máxima que “a pressa é inimiga da perfeição”? Sem dúvida, qualquer trabalho científico antes de conseguir ser traduzido para um manuscrito vai passar por um processo de maturação nas mentes de seus criadores. Aliás, como autores sabemos o quanto o esforço, para colocar no papel de forma clara, objetiva e interessante nossas idéias e resultados de nossas pesquisas, permite a organização e descobertas de novas visões, até mesmo sobre nosso próprio trabalho.

No que tange aos meios de publicação científica, como as revistas científicas, as questões até aqui assinaladas remetem a responsabilidades de filtragem do que será e o que não será publicado. Neste sentido, Drotar (2008) aponta que a responsabilidade dos editores de revistas científicas e pareceristas assemelha-se a de “guardiães da ciência” em determinado campo de conhecimento. Editores e pareceristas tem a árdua tarefa de decidir se o trabalho submetido é significativo o bastante para ingressar no acervo de artigos publicados. Um elemento fundamental neste processo de filtragem é a sistemática de avaliação por pares. Todavia, já há algum tempo, alguns pesquisadores tem chamado a atenção para os desconcertos produzidos pelo próprio processo de avaliação por pares, em específico em periódicos científicos da Psicologia e áreas afins. Por exemplo, há vinte anos, Fisk e Fogg (1990) realizaram um levantamento dos pontos críticos de 402 revisões de pareceristas de 153 manuscritos submetidos a 12 importantes revistas da *American Psychological Association*. O dado surpreendente foi a quase absoluta falta de concordância, entre avaliadores *ad hoc* do mesmo trabalho, acerca de quais pontos eram destacados, seja positiva ou negativamente. Como consequência desta grande dispersão de pareceres, as recomendações feitas pelos pareceristas acerca de qual deveria ser a decisão editorial também eram discordantes, colocando um desafio ainda maior ao processo decisório aos editores.

Portanto, os desafios para uma publicação científica qualificada não estão postos somente para os autores, mas também para os veículos destas publicações. Dentre estes veículos destacam-se as revistas científicas, que pretendem ser portais mais dinâmicos para a divulgação de produção científica. Drotar (2008) ainda destaca a aparente tensão existente entre o grande interesse dos autores em ter seu trabalho publicado e por outro lado a filtragem feita por editores e pareceristas. No entanto, em seu sentido mais amplo, tanto autores quanto editores são todos parte de uma ampla comunidade que são os consumidores do conhecimento científico, como também partilham dos mesmos princípios éticos de respeito à condução da investigação e comunicação dos seus resultados. Por isso, estamos todos no mesmo lado.

O constante aperfeiçoamento dos critérios de seleção de quais trabalhos serão ou não serão divulgados por determinado periódico remete a questão inicial aqui colocada. Ora, se pesquisa não publicada não é ciência é portanto cabal compreender os princípios que definem as políticas de publicação das revistas. Princípios como qualidade do trabalho e igualdade de oportunidades, bem como a promoção da inovação e renovação científica, devem ter maior peso na balança destas políticas de publicação. Caso contrário, as próprias revistas não estarão fazendo sua parte na construção e avanço da ciência.

Lilian Milnitsky Stein

Editora

REFERÊNCIAS

- Drotar, D. (2008). Establishing research significance and preserving scientific integrity. *Journal of Pediatric Psychology*, 33, 1, 1-5.
- Fiske, D. W. & Fogg, L. F. (1990). But the reviewers are making different criticisms of my paper: diversity and uniqueness in reviewer comments. *American Psychologist*, 45, 5, 591-598.